

## GREGÓRIO DE MATOS – LÍRICA

Prof. Jorge Alberto

### 1-CONSIDERAÇÕES GERAIS:

O Barroco é a denominação dada à arte do século dezessete, que se estende no Brasil até meados do século seguinte. A significação do termo BARROCO é bastante diversa, onde resolveu-se optar por uma que dá uma dimensão mais abrangente das características da referida escola – a **IRREGULARIDADE**. Para se entender tal acepção, optou-se por fazer um paralelo com o período antecedente, o Renascimento (Classicismo).

No Renascimento, houve uma forte oposição ao período medieval, denominado erroneamente de “Período das Trevas”. A arte do século dezesseis buscava uma retomada do período da Grécia antiga, enfatizando dentre outros elementos a racionalidade e a mitologia greco-romana. A Europa vive o apogeu da Reforma Religiosa, onde a Igreja Católica, além de questionada, perde parte de sua influência. A religiosidade é um pouco relegada para se valorizar o **ANTROPOCENTRISMO**.

Na segunda metade do século XVI, a Igreja Católica reage a tal movimento iniciando a Contra-Reforma (que tem o seu ápice no século seguinte). Há um “refluxo” no caráter racional do Homem, onde mais uma vez a religiosidade é posta em evidência. É nesse século (XVII) que se situa a arte barroca, tentando conciliar a religiosidade católica de seu tempo com o legado racionalista que o Renascimento deixou. Todavia, tal conciliação não passa do plano da tentativa, pois estamos lidando com elementos antagônicos – a **fé** e a **razão** – como formas de compreensão do mundo. Daí o caráter conflitivo, irregular do Barroco. Esse caráter é realçado no texto pela utilização abundante de **ANTÍTESES** e **PARADOXOS**.

Partindo dessa assertiva, as demais características do período literário em questão são conseqüências diretas ou indiretas desse **conflito espiritual**. A ânsia por querer **aproveitar o momento** (*Carpe diem*) se faz latente. A vida é compreendida como passageira. A “confusão” se faz na maneira como isso é feito, pois o Homem barroco fica

dividido entre a espiritualidade e o materialismo. Além desses, destaca-se seu caráter interrogativo (denotando uma conotação filosófica sobre o mundo e o estar no mundo), a fugacidade da vida e a fragilidade da vida humana.

Quanto à linguagem, o texto barroco vai primar pela sofisticação e detalhismo. Essas duas características foram exploradas não só na literatura desse período, mas também na arquitetura, pintura e escultura. Isso justifica o aspecto visual de vários textos barrocos, que são desenvolvidos pelo uso da **METÁFORA**. São símbolos usuais a *água*, a *fumaça*, a *neve*, o *fogo*, a *cinza*, enfim, substâncias que não têm formas definidas. Torna-se comum aqui as inversões sintáticas dos períodos, um vocabulário de certa forma elevado e a utilização constante de figuras de linguagem (principalmente a **antítese**, o **paradoxo**, a **metáfora** e a **anáfora**).

Há dois estilos seguidos pelos escritores: o Cultismo e o Conceptismo. Atenta-se para o fato que nenhum escritor seguiu um só estilo. A mistura de ambos não fica restrita à obra de um escritor, mas se evidencia também em um mesmo texto. Feito tal esclarecimento sobre a utilização desses estilos, parte-se agora para as suas definições:

O **Cultismo** é um requinte formal que consiste em elaborar um intrincado **jogo de palavras**, explorando efeitos sensoriais como forma, volume, cor, além de um forte caráter imagético. A valorização da imagem é formulada com base na metáfora, pormenorizando seus detalhes. Como exemplo desse “jogo de palavras”, tem-se esse fragmento de Gregório de Matos:

“O todo sem a parte não é todo,  
A parte sem o todo não é parte;  
Mas se a parte fez todo, sendo parte,  
Não se diga que é parte, sendo todo.”

Já o **Conceptismo** consiste em um **jogo** apurado de **raciocínio** lógico, onde o escritor barroco tenta mostrar a “veracidade” de seu ponto de vista. No fragmento destacado abaixo

do mesmo poeta , o autor tenta convencer a Deus (ou a si) que merece ser salvo quando morrer . Para tanto , faz uma analogia com a parábola bíblica do pastor e das ovelhas , onde o pastor “abandona” suas noventa e nove ovelhas para ir atrás de uma desgarrada . Nesse sistema de analogias , as ovelhas seriam os fiéis ; o pastor , Deus ; e a desgarrada o pecador (o próprio poeta) , merecendo portanto ser salvo :

“Pequei, Senhor; mas não porque hei pecado,  
Da vossa alta clemência me despido,  
Porque quanto mais tenho delinqüido,  
Vos tenho a perdoar mais empenhado.

.....  
Se uma ovelha perdida e já cobrada  
Glória tal e prazer tão repentino  
Vos deu, como afirmais na sacra história:

Eu sou, Senhor, a ovelha desgarrada,  
Cobrai-a; e não queirais, pastor divino,  
Perder na vossa ovelha a vossa glória.”

## 2-Gregório de Matos Guerra

Ao evocar-se a figura de Gregório de Matos , mais vulgarmente conhecido como “Boca do Inferno” , tem-se o aspecto mais sublime e o mais mordaz da poesia barroca brasileira . O poeta baiano , além de desenvolver uma poética em sintonia com as tendências européias, deu “tons locais” em sua obra , relatando os costumes e a organização social brasileira . Esse aspecto de sua poesia é evidenciado por Segismundo Spina ao colocar que ele “Foi , sem dúvida , o primeiro prelo e o primeiro jornal que circulou na Colônia.”

Levando em consideração os temas desenvolvidos pelo autor , pode ser feita a seguinte divisão de sua obra : **lírica amorosa , fescenina , satírica , religiosa , filosófica e encomiástica** . Neste breve comentário, nos deteremos na sua poesia satírica e religiosa em virtude de serem estas duas modalidades textuais solicitadas pelo vestibular da UESPI.

### A LÍRICA AMOROSA

A produção amorosa de Gregório de Matos recebe uma forte influência de Petrarca e Camões . Há tons idealizantes no que diz respeito à concepção feminina , ressaltando o seu aspecto angelical . O platonismo é evidenciado como predominante , destinando o poeta um sentimento “puro” , sublime . Todavia , o sofrimento amoroso se

torna latente no autor , visto uma não concretização amorosa , exacerbando os seus sentimentos em conotações contraditórias , tipicamente barroca , como se evidencia no soneto abaixo :

**Quis o poeta embarcar-se para a cidade e viu  
antecipando a notícia à sua senhora, lhe viu  
umas derradeiras mostras de sentimento em  
verdadeiras lágrimas de amor .**

Ardor em firme coração nascido;  
Pranto por belos olhos derramado;  
Incêndio em mares de água disfarçado;  
Rio de neve em fogo convertido:

Tu, que um peito abrasas escondido;  
Tu, que em um rosto corres desatado;  
Quando fogo, em cristais aprisionado;  
Quando cristal, em chamas derretido.

Se és fogo, como passas brandamente,  
Se és neve, como queimas com porfia?  
Mas ai, que andou Amor em ti prudente!

Pois para temperar a tirania,  
Como quis que aqui fosse a neve ardente,  
Permitiu parecesse a chama fria.

### COMENTÁRIOS :

*Na primeira estrofe , o poeta caracteriza seus sentimentos para com a sua musa . O sofrimento é nitidamente evidenciado ao colocar como sinônimo de amor ardor e pranto . O exagero sentimental nesses dois primeiros versos se faz com a utilização da **hipérbole** . Nos dois versos seguintes , o conflito amoroso no autor se torna claro com o uso de **paradoxos** – Incêndio em mares , neve convertida em fogo*

*Na estrofe seguinte , ele escreve sobre esse sentimento que o consome . Para desenvolver tal conotação, foi necessário que o poeta começasse a atribuir toda uma simbologia na estrofe anterior , onde neve significaria tranqüilidade e fogo a inquietude do amor . É com base nessa simbologia , ele coloca que seu peito está abrasado , que esse fogo (amor) aprisionado em cristal (peito do poeta ) o está consumindo .*

*As contradições oriundas do amor são questionadas com interrogações no primeiro terceto para que se chegasse à conclusão que enquanto ele fosse a neve ardente , ela seria a chama fria . Perceba que essas definições estão calcadas no **paradoxo** para ressaltar as*

*contrariedades do amor (que não é correspondido pela parte feminina).*

*Estilisticamente, há a predominância de versos decassílabos, as rimas intercaladas, os períodos invertidos sintaticamente, além do tipo de composição escolhida: o soneto.*

## A LÍRICA FESCENINA

Nessa parte da obra do poeta baiano, o amor ganha uma conotação puramente erótica, deixando-se levar pelos impulsos carnavais. Todavia, o alvo de Gregório de Matos é bem distinto de sua poesia amorosa apreciada a pouco. Enquanto que a primeira é destinada à mulher branca de elevada classe social e apta ao casamento, a poesia fescenina é destinada à mulher de cor.

Para explicar essa aparente contrariedade na poesia do vate baiano, utiliza-se aqui as palavras de Gilberto Freyre em sua obra **Casa-Grande & Senzala**. Ao tecer considerações sobre a formação racial brasileira, o sociólogo pernambucano afirma a pouca disponibilidade de mulheres brancas para o casamento no Brasil do século XVI. Dessa forma, os seguimentos sociais brasileiros estariam calcados na miscigenação. O autor ainda destaca a forte influência dos mouros no povo português, onde “O longo contato com os sarracenos deixara entre os portugueses a figura da moura-encantada, tipo delicioso de mulher morena de olhos pretos, envolta de um misticismo sexual (...) que os colonizadores vieram encontrar parecido, quase igual, entre as índias nuas e de cabelos soltos no Brasil.” De acordo com o mesmo autor, é por isso que “Nesta vazou-se porventura o ciúme ou a inveja sexual da mulher loura contra a de cor. (...) Ódio que resultaria mais tarde em toda a Europa na idealização do tipo louro, identificado como personagens angélicas e divinas em detrimento do moreno (...).

(...) A moda da mulher loura, limitada aliás às classes altas, terá sido antes a repercussão de influências exteriores do que a expressão de genuíno gosto nacional. Com relação ao Brasil, que diga o ditado: ‘Branca para casar, mulata para f...., negra para trabalhar’.”

As idéias aqui expostas por Gilberto Freyre são perfeitamente aplicáveis à poética de Gregório. É dispensado por ele um tratamento refinado à mulher branca, em tom respeitoso, enquanto que para a mulher de cor, além do amor carnal, o deboche, a vulgaridade e a ironia com que ele se dirige a tal tipo de figura revela um certo tom preconceituoso, bem ressaltado pelo crítico Alfredo Bosi ao colocar: “Aqui o preconceito, (...) desce ao subterrâneo de uma prática erótica onde se geram, íntima e simultaneamente, a atração física, a repulsa e o sadismo.”

## A LÍRICA SATÍRICA

É a produção satírica a mais destacada por alguns na poesia de Gregório de Matos. Dir-se-ia aqui que ela representa a que deu uma maior tônica pessoal ao poeta. Gregório parece figurar como uma espécie de metralhadora giratória, não poupando críticas a nenhum seguimento social da Bahia. Governantes, clero, mulatos, comerciantes, a “nobreza Caramuru”, mestiços, enfim, todos. Um exemplo dessa indistinção se percebe no poema “Milagres do Brasil São”, satirizando a figura do Vigário de Passé, Lourenço Ribeiro, pelo fato de ser um homem de cor, chamando-o de “Cão revestido em Padre”:

*Imaginas que o insensato  
Do canzarrão fala tanto  
Porque saba tanto, ou quanto?  
Não, senão porque é mulato;  
Ter sangue de carrapato,  
Ter estoraque de congo,  
Cheirar-lhe a roupa a mondongo  
É cifrar de perfeição:  
Milagres do Brasil são.*

ou então no célebre poema do “Pica-Flor”, que seria uma resposta malcriada a uma freira que lhe compara ao beija-flor:

***A uma freira que, satirizando a delgada fisionomia do poeta, chamou-lhe pica-flor.***

*Se pica-flor me chamais,  
Pica-flor aceito ser,  
Mas resta agora saber,  
se no nome, que me dais,  
meteis a flor, que guardais  
no passarinho melhor!  
se me dais este favor,  
sendo só de mim o pica,  
e o mais vosso, claro fica,  
que fico então pica-flor.*

Ironia, deboche, humor e irreverência – eis as marcas na sátira de Gregório de Matos que lhe renderam o degredo a Angola em 1694.

No exemplo abaixo, pode-se perceber, além dos predicados aludidos no parágrafo anterior, um tom de ressentimento e vingança por parte do autor:

***Pondo os olhos primeiramente na sua cidade  
conhece que os mercadores são o primeiro  
móvel da ruína, em que arde pelas mercadorias  
inúteis, e enganosas.***

Triste Bahia! oh quão dessemelhante  
Estás e estou do nosso antigo estado!  
Pobre te vejo a ti, tu a mim empenhado.  
Rica te vi eu já, tu a mim abundante.

A ti tocou-te a máquina mercante,  
Que em tua larga barra tem entrado,  
A mim foi-me trocando e tem trocado  
Tanto negócio e tanto negociante.

Deste em dar tanto açúcar excelente  
Pelas drogas inúteis, que abelhuda  
Simples aceitas do sagaz Brichote.

Oh, se quisera Deus que, de repente,  
Um dia amanheceras tão sisuda  
Que fora de algodão o teu capote!

### COMENTÁRIOS :

Nesse poema , tem-se um painel das transformações sociais e econômicas sofridas pela Bahia ao final do século XVII . Na primeira estrofe , o poeta evoca um passado (antigo estado) dele e da Bahia , colocando estarem tão diferentes (quão dessemelhante ) . Dois tempos são evocados aqui : o presente e o passado de ambos . Atualmente , sua terra natal se vê empobrecida , enquanto ele (pertencente à nobreza Caramuru) não está gozando do status e das facilidades que levara até então .

A máquina mercante que tem entrado na larga barra baiana é uma alusão à atividade mercantilista que se processa nesse período , principalmente pelos franceses , holandeses e britânicos . Tudo isso tem alterado (trocado) não somente o perfil baiano como do próprio autor . As atividades comerciais começam a ter sua ascensão enquanto as agrárias (cana-de-açúcar) em que o poeta se vê inserido estão em declínio . É esse declínio econômico que Gregório de Matos faz referência no início do texto .

A imprudência dos baianos é condenada nos dois últimos tercetos . O autor se utiliza de uma personificação para a Bahia , colocando-a como personagem . O caráter de “metida” da senhora Bahia é ressaltado pelo termo **abelhuda** , que troca seu açúcar (ouro branco) por artigos de luxo (drogas inúteis) trazidas pelos comerciantes (que estão aqui designados por **Broichote** , perjurativo de British – comerciante inglês ) .

É tal imprudência que faz com que a senhora Bahia decline . Por isso , o poeta evoca a divindade (Deus) para que lhe dê um castigo – **amanhecendo sisuda** com uma capa

(capote) *simplória (de algodão)* , o que representaria a perda total do status da Bahia .

### A LÍRICA RELIGIOSA

Essa é a produção gregoriana mais tipicamente barroca , pois aqui vê-se inserido o conflito espiritual desse período . A dialética **PECADO x PERDÃO** é bem evidenciada . O poeta assume a sua condição de pecador diante da divindade , não extraindo de si a sua culpabilidade . Todavia , é nessa mesma culpabilidade que ele espera ser salvo , como ilustra bem o poema no início desse capítulo ao ser exemplificado o **CONCEPTISMO** .

Nos seus textos religiosos , o estilo predominante é o conceptismo . Aqui , o autor tentará convencer a Deus que , embora tenha pecado (e como) ele merece (e precisa) ser salvo . O **materialismo** e a **espiritualidade** se chocam continuamente dentro desse tipo de produção poética . Todos esses aspectos estão bem evidenciados no poema abaixo :

#### **A Cristo S. N. crucificado estando o poeta na última hora de sua vida .**

Meu Deus, que estais pendente em um madeiro ,  
Em cuja lei protesto de viver ,  
Em cuja santa lei hei de morrer  
Animoso , constante , firme , e inteiro .

Nesse lance , por ser o derradeiro ,  
Pois vejo a minha vida anoitecer ,  
É , meu Jesus , a hora de se ver  
A brandura de um Pai manso Cordeiro .

Mui grande é vosso amor , e meu delito ,  
Porém pode ter fim todo o pecar ,  
E não o vosso amor , que é infinito .

Esta razão me obriga a confiar ,  
Que por mais que pequei , neste conflito  
Espero em vosso amor de me salvar .

### COMENTÁRIOS :

O poeta inicia o texto se dirigindo à divindade em tom de súplica. Reafirma aqui sua condição de pecador (v.02) e, embora tenha renegado as leis divinas, tem consciência de que irá ser julgado por elas quando morrer.

Na segunda estrofe, tenta uma última chance de ser salvo, pois percebe estar próximo à morte – “minha vida anoitecer”. A chantagem emocional que o eu lírico faz com Deus começa a ganhar corpo. É nesse momento que ele afirma ser a hora de se ver o caráter misericordioso do Pai celeste.

Na estrofe seguinte, é dado início ao jogo conceptista. O poeta começa a articular sua “teia argumentativa” afirmando ser grande o amor de Deus e o seu pecar. Todavia, este amor é infinito, contrapondo-se com seus pecados, finitos.

Fecha-se o jogo conceptista na última estrofe. De acordo com o autor baiano, ele espera se salvar em virtude da imensidão do amor divino, já que Deus é misericordioso (2º estrofe).

## A LÍRICA FILOSÓFICA

A influência de Camões é muito evidenciada nesse tipo de composição. Aqui, Gregório fica no campo das especulações, tentando obter respostas sobre dúvidas que dilaceram o eu lírico. Tais dúvidas, em grande parte, são oriundas do conflito espiritual vivenciado pelo autor.

Embora exista uma busca constante por respostas, o que se percebe é um eu poético perdido em suas indagações, transitando entre seus conflitos em busca de valores, como no soneto abaixo:

### *Defendendo o Bem Perdido*

O bem que não chegou a ser possuído,  
Perdido causa tanto sentimento,  
Que, faltando-lhe a causa do tormento,  
Faz ser maior tormento o padecido.

Sentir o bem logrado, e já perdido,  
Mágoa será do próprio entendimento;  
Porém, o bem que perde um pensamento  
Não deixa a outro bem restituído.

Se o lôgro satisfaz a mesma vida  
E, depois de logrado, fica engano  
A falta que o bem faz em qualquer sorte.

Infalível será ser homicida  
O bem que sem ser mal, motiva o dano;  
O mal que sem ser bem, apressa a morte.

### **COMENTÁRIOS:**

Aqui, Gregório de Matos questiona-se sobre o seguinte ponto: *O que é mais significativo- o bem que se perde na posse ou antes de possuído ?*

Ao início, o autor pondera o sentimento causado pelo que foi perdido antes da posse. Tal sentimento aumenta quando ele não sabe o que fez para a perda do que ansiava.

Na estrofe seguinte, o autor reflete sobre o sofrimento que lhe ficou diante da perda para, nos tercetos, concluir que *perder algo antes de possuído* causa-lhe maior angústia.

Para chegar a tal conclusão, temos o desenvolvimento de todo um pensamento conceptista, ponderando entre **bem possuído, mas perdido** e **bem que não chegou a ser possuído; sentimento com causa de tormento** e **sentimento**

**sem causa de tormento ; entendimento e pensamento** , refletindo bem o caráter antitético do Barroco.

## A LÍRICA ENCOMIÁSTICA

São poemas de circunstâncias que o autor fazia, alguns em tons nitidamente bajulatórios. Com esses textos, Gregório conseguia quer seja favores, quer seja a proteção de figuras ilustres da Bahia, dado o seu lado polêmico. Por isso, trata-se de uma produção menor, sem muita qualidade poética.

## 3-POEMAS PARA ANÁLISE

### A) Sacros:

### **A CRISTO S.N. CRUSIFICADO ESTANDO O POETA NA ÚLTIMA HORA DE SUA VIDA**

Meu Deus, que estais pendente em um madeiro,  
Em cuja lei protesto de viver,  
Em cuja santa lei hei de morrer,  
Animoso, constante, firme, inteiro.

Neste lance por ser o derradeiro,  
Pois vejo a minha vida anoitecer,  
É, meu Jesus, a hora de se ver  
A brandura de um Pai manso Cordeiro.

Mui grande é vosso amor e meu delito,  
Porém pode ter fim todo o pecar,  
E não o vosso amor que é infinito.

Esta razão me obriga a confiar,  
Que por mais que pequei, neste conflito  
Espero em vosso amor de me salvar.

### **A JESUS CRISTO NOSSO SENHOR**

Pequei, Senhor; mas não porque hei pecado,  
Da vossa alta clemência me despido;  
Porque quanto mais tenho delinqüido,  
Vos tenho a perdoar mais empenhado.

Se basta a vos irar tanto pecado,  
A abrandar-vos sobeja um só gemido:  
Que a mesma culpa, que vos há ofendido,  
Vos tem para o perdão lisonjeado.

Se uma ovelha perdida e já cobrada  
Glória tal e prazer tão repentino  
Vos deu, como afirmais na sacra história,

Eu sou, Senhor, a ovelha desgarrada,  
Cobrai-a; e não queirais, pastor divino,  
perder na vossa ovelha a vossa glória.

### **A N. S. JESUS CRISTO COM ATOS DE CONTRIÇÃO E SUSPIROS DE AMOR**

Ofendi-vos, meu Deus, bem é verdade,  
É verdade, meu Deus, que hei delinqüido,  
Delinqüido vos tenho, e ofendido, ofendido vos tem  
minha maldade.

Maldade, que encaminha à vaidade,  
Vaidade, que todo me há vencido;  
Vencido quero ver-me, e arrependido,  
Arrependido a tanta enormidade.

Arrependido estou de coração,  
De coração vos busco, daí-me os braços,  
Abraços, que me rendem vossa luz.

Luz, que claro, me mostra a salvação,  
A salvação pretendo em tais abraços,  
Misericórdia, Amor, Jesus, Jesus.

### **B) Filosóficos:**

#### **MORALIZA O POETA NOS OCIDENTES DO SOL A INCONSTÂNCIA DOS BENS DO MUNDO**

Nasce o Sol, e não dura mais que um dia,  
Depois da Luz se segue a noite escura,  
Em tristes sombras morre a formosura,  
Em contínuas tristezas a alegria.

Porém se acaba o Sol, por que nascia?  
Se formosa a Luz é, por que não dura?  
Como a beleza assim se transfigura?  
Como o gosto da pena assim se fia?

Mas no Sol, e na Luz, falte a firmeza,  
Na formosura não se dê constância,  
E na alegria sinta-se tristeza.

Começa o mundo enfim pela ignorância,  
E tem qualquer dos bens por natureza  
A firmeza somente na inconstância.

### **C) Satíricos:**

#### **AOS VÍCIOS**

Eu sou aquele que os passados anos  
Cantei na minha lira maldizente  
Torpezas do Brasil, vícios e enganosa.

E bem que os descantei bastante,  
Canto segunda vez na mesma lira  
O mesmo assunto em plectro diferente.

De que pode servir calar quem cala?  
Nunca se há de falar o que se sente?!  
Sempre se há de sentir o que se fala.

Qual homem pode haver tão paciente,  
Que, vendo o triste estado da Bahia,  
Não chore, não suspire e não lamente?

Isto faz a discreta fantasia:  
Discorre em um e outro desconcerto,  
Condena o roubo, increpa a hipocrisia.

O néscio, o ignorante, o inexperto,  
Que não elege o bom, nem mau reprova,  
Por tudo passa deslumbrado e incerto.

E quando vê talvez na doce trova  
Louvado o bem, e o mal vituperado,  
A tudo faz focinho, e nada aprova.

Diz logo prudentaço e repousado:  
- Fulano é um satírico, é um louco,  
De língua má, de coração danado.

Néscio, se disse entendes nada ou pouco,  
Como mofas com riso e algazarras  
Musas, que estimo ter, quando as invoco?

Se souberas falar, também falaras,  
Também satirizaras, se souberas,  
E se foras poeta, poetizaras.

A ignorância dos homens destas eras  
Sisudos faz ser uns, outros prudentes,  
Que a mudez canoniza bestas feras.

Há bons, por não poder ser insolentes,  
Outros há comedidos de medrosos,  
Não mordem outros não - por não ter dentes.

Quantos há que os telhados têm vidrosos,  
e deixam de atirar sua pedrada,  
De sua mesma telha receosos?

Uma só natureza nos foi dada;  
Não criou Deus os naturais diversos;  
Um só Adão criou, e esse de nada.

Todos somos ruins, todos perversos,  
Só os distingue o vício e a virtude,  
De que uns são comensais, outros adversos.

Quem maior a tiver, do que eu ter pude,  
Esse só me censure, esse me note,  
Calem-se os mais, chitom, e haja saúde.

### **Finge que Defende a Honra da Cidade e Aponto os Vícios de Seus Moradores**

Uma cidade tão nobre,  
uma gente tão honrada  
veja-se um dia louvada  
desde o mais rico ao mais pobre:  
cada pessoa o seu cobre,  
mas se o diabo me atiaça,  
que indo a fazer-lhe justiça  
algun saia a justiça,  
não me poderão negar  
que por direito, e por Lei  
esta é a justiça, que manda El-Rei.

O Fidalgo de solar  
se dá por envergonhado

de um tostão pedir prestado  
para o ventre sustentar:  
diz que antes o quer furta  
por manter a negra honra,  
que passar pela desonra  
de que lhe neguem talvez;  
mas se o virdes nas galés  
com honras de Vice-Rei,  
esta é a justiça, que manda El-Rei.

A Donzela embiocada  
mal trajada, e mal comida,  
antes quer na sua vida  
ter saia, que ser honrada:  
à pública amancebada  
por manter a negra honrinha,  
e se lho sabe a vizinha  
e lho ouve a clerezia,  
dão com ela na enxovia  
e paga a pena da lei:  
esta é a justiça, que manda El-Rei.

A Viúva autorizada,  
que não possui um vintém,  
porque o Marido de bem  
deixou a casa empenhada:  
ali vai a fradalhada,  
qual formiga em correição,  
dizendo que à casa vão  
manter a honra da casa;  
se a virdes arder em brasa,  
que ardeu a honra entendei:  
esta é a justiça, que manda El-Rei.  
Se virdes um Dom Abade  
sobre o púlpito cioso,  
não lhe chameis religioso,  
chamai-lhe embora de frade:  
e se o tal paternidade  
rouba as rendas do convento  
para acudir ao sustento  
da puta, como da peita,  
com que livra da suspeita  
do Geral, do Viso-Rei:  
esta é a justiça, que manda El-Rei.

### **D) Lírica Amorosa:**

#### **A UMA DAMA**

Dama cruel, quem quer que vós sejais,  
Que não quero por hora descobrir-vos,  
Dai-me licença agora para argüir-vos,  
Pois para amar-vos sempre ma negais:

Por que razão de ingrata vos prezais,  
Não me pagando o zelo de servir-vos?  
Sem dúvida deveis de persuadir-vos,

Que a ingratidão aformoseia mais.

Não há cousa mais feia na verdade:  
Se a ingratidão aos nobres envilece,  
Que beleza fará, o que é fealdade?

Depois, que sois ingrata me parece,  
Que hoje é torpeza o que era então beldade,  
Que é flor a ingratidão que em flor fenece.

### **À MARIA DOS POVOS, MINHA FUTURA ESPOSA**

Discreta e formosíssima Maria,  
Enquanto estamos vendo claramente,  
Na vossa ardente vista o sol ardente,  
E na rosada face a aurora fria:

Enquanto pois produz, enquanto cria  
Essa esfera gentil, mina excelente  
No cabelo o metal mais reluzente,  
E na boca a mais fina pedraria:

Gozai, gozai da flor da formosura,  
Antes que o frio da madura idade  
Tronco deixe despido, o que é verdura.

Que passado o zênite da mocidade,  
Sem a noite encontrar da sepultura,  
É cada dia ocaso da beldade.

### **DEFINIÇÃO DE AMOR (ROMANCE)**

Nada disto é, nem se ignora,  
Que o Amor é fogo, e bem era  
Tivesse por berço as chamas  
Se é raio nas aparências.  
Este se chama Monarca,  
Ou semideus se nomeia  
Cujo céu são esperanças,  
Cujo inferno são ausências.  
Um Rei, que mares domina, um mundo que sopeia,  
Sem mais tesouro que um arco,  
Sem mais arma que uma seta,  
O arco talvez de pipa,  
A seta talvez de esteira,  
Despido como um maroto, cego como uma topeira.

Arre lá com tal amor!  
Isto é amor? É quimera,  
Que faz de um homem prudente  
Converter-se logo em besta.  
Uma bofia, uma mentira,  
Chamar-lhe ei mais depressa,  
Fogo selvagem nas bolsas,  
E uma sarna nas moedas.  
É este, o que chupa, e tira

Vida, saúde e fazenda.  
E se hemos falar a verdade  
É hoje o Amor desta era  
Tudo uma bebedice.  
Que se acaba co dormir  
E co dormir se começa.  
O Amor é finalmente  
Um embaraço de pernas,  
Uma união de barrigas,  
Um breve tremor de artérias,  
Uma confusão de bocas,  
Uma batalha de veias,  
Um rebuliço de ancas,  
Quem diz outra coisa é besta.